

POSSIBILIDADES DE ANÁLISE E COMPREENSÃO DAS CRÔNICAS DE ROQUE CALLAGE ATRAVÉS DE CHARTIER, CORBIN, FEBVRE E DUBY

POSSIBILITIES OF ANALYSIS AND COMPREHENDING OF THE CHRONICLES OF ROQUE CALLAGE THROUGH CHARTIER, CORBIN, FEBVRE AND DUBY

Henrique Perin¹

RESUMO

A cidade de Porto Alegre, enquanto local de sociabilidades, oferta uma gama de possibilidades para o pesquisador que queira se debruçar sobre o cotidiano da capital sul-rio-grandense. Nas primeiras décadas do século XX, dentre os inúmeros periódicos que circularam na cidade sulina, poucos tiveram o protagonismo que O Diário de Notícias assumiu durante seus mais de 50 anos de existência. Dentre os colaboradores do jornal, Roque Callage se destacou como principal cronista, sempre atento às modificações em sua cidade. Este artigo abordará uma seleção de crônicas de Callage e as apresentará sob diversas lentes e conceitos, como a representação social de Roger Chartier, o estudo de sensibilidades de Alain Corbin, a possibilidade de compreender Callage como um agente da história das mentalidades, proposta por Lucien Febvre, assim como o imaginário social de Porto Alegre analisado através de Georges Duby.

Palavras-chave: Roque Callage. Crônicas. Porto Alegre.

ABSTRACT

The city of Porto Alegre, as a place of sociability, offers a range of possibilities for the researcher who wants to focus on the daily life of the capital of Rio Grande do Sul. In the first decades of the twentieth century, among the countless periodicals that circulated in the southern city, few had the role that O Diário de Notícias assumed during its more than 50 years of existence. Among the newspaper's agents, Roque Callage stood out as the main chronicler, always attentive to changes in his city. This article will address a selection of Callage chronicles and present them under different lenses and concepts, such as Roger Chartier's social representation, Alain Corbin's study of sensibilities, the possibility of understanding Callage as an agent of the history of mentalities, proposed by Lucien Febvre, as well as the social imaginary of Porto Alegre analyzed through Georges Duby.

Keywords: Roque Callage. Chronicles. Porto Alegre.

¹ Mestre em história (bolsista CNPq) pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e atualmente realiza doutoramento em história (bolsista CAPES) também pela PUCRS.

INTRODUÇÃO

A tarefa de analisar as transformações sociais e urbanas de Porto Alegre através de crônicas, colunas, artigos e reportagens, no recorte temporal que abrange o final da República Velha (1889-1930) e o início do governo de Getúlio Vargas (1930-1945), é imprescindível para a compreensão do imaginário social de uma cidade que busca transpor sua herança colonial e bucólica enquanto se vê cosmopolita e moderna. O estudo de mentalidades e das sensibilidades, assim como da representação social, se não proporcionarem um vislumbre do *zeitgeist*, o “espírito de uma época”, ao menos pode indicar o modo como alguns indivíduos inseridos na elite intelectual sul-riograndense percebiam sua capital. O rol de escritores seria demasiado extenso para uma análise minuciosa, pois nomes como Antônio Coruja, Achylles Porto Alegre, Vivaldo Coaracy, Roque Callage, Paulino Azurenha, Zeferino Brasil, Alcides Maya, Álvaro Moreira e tantos outros registraram de modo brilhante – e muitas vezes inovador – o crescimento de uma cidade cosmopolita e vibrante, que sempre conviveu com a dicotomia entre o rural e o urbano.

Propõe-se, então, para a realização deste trabalho, a análise da obra de apenas um cronista, Roque Callage. A razão para esta escolha é simples: a produção jornalística de Callage, entre os anos de 1925 e 1931, com a coluna *A Cidade*, no então neófito jornal Diário de Notícias, realizou o ímpar trabalho de representar um cotidiano que em um primeiro momento apropriou-se de acontecimentos reais para, em seguida, criar uma visão “imaginada” da cidade, uma representação própria do cronista que não se afastava de uma Porto Alegre “real”, mas a complementava. O “moderno” e o “novo” tomavam lugar nas colunas de Callage, transformando a cidade em algo mais que um elemento ou cenário, mas um personagem que interagia com seus habitantes, modificando-os conforme se expandia e ampliava, agindo como agente catalizador de inovações na sociedade sul-riograndense.

Este ensaio analisará algumas crônicas de Callage sob diferentes perspectivas, e, portanto, utilizará alguns autores como suporte teórico, como o conceito de representação social apresentado por Roger Chartier, o estudo de sensibilidades, por meio de Alain Corbin, a questão da “história das mentalidades”, abordada por Lucien Febvre, e o imaginário social de Georges Duby.

1 Chartier, Corbin, Febvre e Duby: um olhar social sobre a crônica de Porto Alegre

Quando se inicia uma análise crítica de um *corpus* documental tão extenso quanto o de Roque Callage – foram escritas aproximadamente 1500 crônicas – é imprescindível utilizar algum arcabouço teórico para sua plena realização. Iniciando por Roger Chartier e seu conceito de representações sociais, deve-se partir de alguns pontos já estudados por Bourdieu, como as determinações de classe e de posição social. A consciência de representação coletiva feita pelo grupo, de si mesmo, e a representação externa, feita “para” o grupo, retorna brevemente a Durkheim e articula-se de modo mais palatável que o conceito de “mentalidades”, retomado por Lucien Febvre. O esforço em compreender esta noção de mentalidade, assim como as inúmeras relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social, apontam algumas diretrizes caras à Chartier. A relação entre a prática da leitura e o conceito de apropriação, por exemplo, criaria os mecanismos de compreensão e posterior superação entre a objetividade de estruturas conflitantes e a subjetividade das representações.

Assim como Bourdieu, Chartier retoma a questão das lutas de representação, na qual, partindo da violência física direta e da compreensão que o poder está intrinsecamente relacionado ao crédito concedido à representação social, permite-se avaliar a “violência simbólica”, onde sua existência está condicionada à predisposição do reconhecimento e consentimento de quem a sofre (CARVALHO, 2005). Além de Bourdieu, as contribuições de Durkheim também são utilizadas por Chartier (2002a), principalmente quanto à possibilidade de analisar as representações sociais por dois olhares. O primeiro como uma incorporação de categorias mentais de classificação da própria organização social; o segundo como matrizes que constituem o próprio mundo social ao passo em que comandam seus atos e definem suas identidades (CHARTIER, 1990). A partir deste ponto, onde alguns pressupostos de Durkheim e Bourdieu são utilizados para a metodologia de Chartier de representação social e coletiva, é possível discorrer por um caminho possível: a construção da representação social parte do conflito entre representações impostas pelos grupos e agentes que detêm o poder de classificar e nomear as representações construídas pela própria sociedade (CHARTIER, 2002b). O poder e a dominação se fazem presentes, pois as representações não são apresentadas como discursos neutros e elaboram estratégias e práticas predispostas a impor autoridade e legitimar escolhas.

Deste modo, a análise das crônicas de Callage pode tomar o rumo da representação social de um grupo, ou “campo”, utilizando o conceito

de Bourdieu, no qual o capital simbólico do cronista lhe conferia trânsito. Como exemplo é possível apontar uma crônica, publicada em 30 de junho de 1928, onde o tema é o gradual “empobrecimento” da vestimenta utilizada pelos frequentadores do teatro São Pedro:

Com o início da temporada lírica no teatro São Pedro, vimos observando ali um fato que, apesar de curioso, não deixa de ser perfeitamente justificável. É o que diz respeito aos trajes de rigor, tanto para damas como para cavalheiros. Na noite da estreia da companhia, os espectadores estavam em uniformidade de traje. Muito decote, muita manga curta, muitas casacas e muitíssimos smokings. Havia exceções, como sempre as há, mas em número muito resumido. Na segunda noite, porém, as exceções aumentaram. A variedade de trajes era flagrante. Ainda assim predominava a roupa escura entre os homens. Mas, anteontem e ontem, as exceções continuaram a regra geral. Os frequentadores do São Pedro na atual temporada lírica apresentaram-se vestidos de todo jeito, só faltando alguém aparecer em pijama... Assim, que apenas em quatro noites de espetáculos a decadência do vestuário foi completa, como, aliás, já tem sucedido em outras temporadas de inverno (CALLAGE, 30/06/1928).

O alto padrão simbólico estabelecido pela elite intelectual da cidade – e certamente podemos incluir Roque Callage nesta elite – pressupõe que a participação de determinados indivíduos nos círculos culturais de Porto Alegre pode assumir a forma de “luta simbólica”, estabelecida por Chartier (1990). A questão principal não repousa na discussão sobre a existência de um público apto a apreciar uma “noite lírica” em um teatro, mas as escolhas deste público que raramente correspondiam ao padrão de gosto refinado estabelecido em um período no qual as formas populares de cultura eram estigmatizadas pelas plateias instruídas.

As sensibilidades, os odores da cidade, sua temperatura “senegalesa” e a lama, dejetos e toda sorte de obstruções passíveis de afetar qualquer um dos cinco sentidos do cronista, não foge à sua atenção. Estudando Alain Corbin e sua abordagem quanto à história da sensibilidade, da utilização dos sentidos e das correspondências eventualmente estabelecidas entre eles, é possível identificar mais um elemento que permite construir imagens da sociabilização e cotidiano da cidade. Em outras palavras, é possível dar forma ao imaginário social através da construção de sonoridades, odores, e sabores que impregnam Porto Alegre. Influenciado por Lucien Febvre, Corbin postula sobre as dificuldades de compreender uma sociedade em um espaço temporal inacessível sem pensar nos “desníveis” de tal

comunidade. É árdua a tarefa de escrever sobre um determinado período histórico sem valer-se da sensibilidade que os traços, relatos e vestígios propiciam, já que não existem documentos que não estejam envoltos por uma multiplicidade de sentidos, o que, simultaneamente, deixa suas marcas no pesquisador e o ajuda a compreender o mundo e a entendê-lo. A pesquisa historiográfica não é realizada em um espaço estéril, sem percepções, sem significados ou sentidos, e o papel do historiador que trabalha pontualmente com as sensibilidades de um determinado recorte temporal e espacial, deve tomar como ponto de partida a maneira como as pessoas se representam, em distintos momentos históricos, cabendo-lhe interpretar a coerência, as conexões dessas representações em seu universo (CORBIN, 1998).

Roque Callage, em diversas crônicas, traz à luz a sensibilidade de quem vive e “sente” as mudanças da cidade. O calor que assola Porto Alegre, o “cheiro nauseabundo” oriundo da exposição de uma “vaca de cinco pernas” na Rua dos Andradas, a precária condição sanitária decorrente da temperatura invernal, enfim, uma série de elementos sensíveis à percepção do cronista, fazem-se presentes em sua coluna e corroboram com a possibilidade de construir o imaginário da capital não apenas por meio de sua arquitetura ou paisagem estática. A crônica do dia 26 de agosto de 1927 pode ser tomada como exemplo desta mixórdia de sensibilidades:

A Rua dos Andradas, em certas ocasiões, em determinados dias, é uma artéria insuportável. Há quem se queixe, com sobrada razão, da inconveniência de se andar por ali em dias de extração da Loteria do Estado, isso por um motivo muito lógico e simples. É que, em certos dias, as campanhas das inúmeras agências que anunciam os bilhetes do dia fazem um ruído infernal que começa às primeiras horas da manhã e vai até às duas horas da tarde. Na semana passada tínhamos, além desse ruído impertinente, um outro muito mais desagradável. Referimo-nos ao reclamista da vaca de cinco pernas, que, à frente da casa onde estava exposto o fenômeno, se punha de tal maneira a berrar que parecia ele e não ela o estranho exemplar *vacum*. Felizmente, essa exibição já terminou, ficando apenas uma lembrança o cheiro nauseabundo que a gente sente ao passar pela frente do prédio que durante tantos dias esteve transformado em espetáculo (CALLAGE, 26/08/1927).

As enchentes, ventos e perturbações diversas causadas pelas forças naturais também são alvo das crônicas de Callage. O final do inverno de 1926, conforme o autor, trouxe “chuva, lama, e enchentes” para a capital.

Vastas partes da cidade encontraram-se submersas durante os últimos dias do mês de setembro, e a inconstância climática, onde dias de “frio intenso, de forte e congeladora neblina” procedem a dias de “calor senegalesco”, não escapou à atenção do colunista:

A nossa capital tem sofrido nesta entrada de novembro as inconstâncias da nossa inconstante temperatura. Assim é que, depois de dois dias de calor senegalesco, verdadeiramente asfixiante, tivemos logo em seguida dois dias de frio intenso, de forte e congeladora neblina, que matou toda a vida e o movimento todo da cidade, domingo último.

Foram dois aspectos completamente diversos que se registraram com uma pequena diferença de horas: intenso calor e intenso frio! (CALLAGE, 10/11/1926).

Questões e relações com a “história das sensibilidades” e representações sociais não são as únicas encontradas na coluna *A Cidade*: também é possível encontrar o ponto da construção do saber e da história das “mentalidades” através de Lucien Febvre. Este historiador elucida que em muitas ocasiões, é nas fronteiras das ciências que as grandes descobertas são feitas. Seria, então, vista com bons olhos a necessidade de utilizar os conhecimentos psicológicos e científicos das funções mentais ao realizar o cruzamento com o campo da história, o que originaria três perspectivas distintas: a psicologia coletiva, a psicologia específica e a psicologia diferencial, que tomariam caminhos distintos para criar uma interpretação do real. A psicologia coletiva, segundo Febvre, se dedicaria à pesquisa do que o homem deve ao seu meio social, enquanto a psicologia específica estaria relacionada à individualidade do ser social, e a psicologia diferencial se ocuparia de discutir as relações que um determinado indivíduo mantém com as particularidades individuais de sua fisiologia, aos acasos de sua estrutura e aos acidentes de sua vida social (FEBVRE, 1978). Com o intuito de explicitar esse contraponto paradigmático, inclusive o local do indivíduo na ciência histórica, Febvre reconhece a importância da ação e do legado dos personagens históricos, que, se no século XIX foram o centro das atenções dos historiadores, a partir do início do século XX com os *Annales*, tiveram sua ação relativizada. A ação do indivíduo na história e a autonomia do personagem histórico, para Febvre, seria fruto de um exercício social, que poderia ser nomeado de “obra histórica”. Analisando sob outra perspectiva, a pretensão do historiador seria conhecer o indivíduo e sua relação com o grupo no qual está inserido (ibidem.).

Em *Martinho Lutero, um destino* (2012), Lucien Febvre, através de um minucioso exercício de crítica historiográfica e uma metódica pesquisa de

fontes, relata as ideias do pai da Reforma Protestante, aquele que foi considerado um “homem de seu tempo”, e oferece um relato preciso do que se pode chamar de “história das mentalidades”. Por meio desta perspectiva, é possível analisar a produção jornalística e literária de Roque Callage e traçar alguns apontamentos sobre o cronista.

As inúmeras perspectivas e olhares que Callage lança sobre Porto Alegre através de seu espaço no jornal, onde descreve com singular naturalidade e erudição sobre economia, cultura, política, modernidade, urbanização e diversos outros temas, implica a necessidade de avaliar com mais atenção o trabalho do cronista. Além das crônicas no Diário de Notícias, Callage escreveu para o Correio do Povo, também de Porto Alegre, e em diversos jornais do interior. O jornalista também produziu um grande número de contos e livros, como “Prosas de Ontem”, “Escombros”, “Terra Gaúcha”, “Rincão” “Quero-Quero”, “No Fogão do Gaúcho”, e foi um dos fundadores da Associação Riograndense de Imprensa e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Atualmente é o patrono da 35ª cadeira da Academia Riograndense de Letras (MACHADO, 1975).

A relação de Roque Callage com outros intelectuais da capital do Rio Grande do Sul também pode ser explorada quando observamos sua produção literária e jornalística sob o prisma da história das mentalidades. Sandra Pesavento, em *O imaginário da cidade* (1999), escreve pontualmente sobre as relações entre os diversos literatos, professores e jornalistas em Porto Alegre, suas aproximações e modos de representar a cidade e a si próprios dentro da urbe. Nas ocasiões de sociabilização entre os membros desta elite culta, o nome de Callage é constantemente encontrado quando a pauta é especificamente a cidade de Porto Alegre. A transição que o cronista realiza, de obras mais próximas ao regionalismo para as crônicas urbanas onde retrata as transformações da urbe, é a prova indelével da multiplicidade do autor (PESAVENTO, 1999).

Por fim, ao pensar o imaginário social de Georges Duby e a relação com as crônicas de Callage, não se pode deixar de notar a preocupação que o medievalista francês tem ao desmistificar o conflito entre cultura erudita e cultura popular. A dificuldade em conceituar com exatidão o termo “cultura popular” envolve um exercício muito mais complexo que apresentar sua face frente à dualidade com uma cultura considerada “erudita”. Cultura, segundo Duby (2011) passa por diversos entrecruzamentos e interferências, e estreitar o pensamento ao conflito entre as polaridades “popular” e “erudito” seria demasiado simplista e limitado. Compreender o imaginário de uma sociedade passa, deste modo, em assimilar que sua representação ocorre na intersecção destas polaridades “populares” e “eruditas”. Compos-

to por um conjunto de relações que atuam na representação de uma cultura, e por se tratar de uma elaboração coletiva, o imaginário social torna-se o depositário das memórias e relações entre os indivíduos de uma comunidade (DUBY, 2011).

As crônicas publicadas em jornais são um terreno fértil para a compreensão deste hibridismo que ajuda a compor o imaginário social. A coluna de Callage do dia 16 de agosto de 1925, onde ele parabeniza o 42º aniversário da Livraria do Globo, revela como o imaginário social é representado em um lugar de sociabilidade:

A Livraria do Globo, da firma Barcellos, Bertaso & Cia., é hoje uma parte integrante de Porto Alegre e talvez a expressão mais forte do seu progresso e da sua civilização. Injustiça seria, portanto, que *A Cidade* a esquecesse no comentário habitual que nesta coluna é feito sobre assuntos e coisas da cidade, mormente neste momento, em que a referida casa, ao comemorar 42 anos de existência, inaugura vários e espaçosos pavilhões no seu grande e novo edifício. Nenhuma outra casa, nenhum outro centro de atividade e de trabalho, reflete tão bem como ela o desenvolvimento de Porto Alegre. De modo algum seria exagero dizer-se que, num espaço de tempo relativamente curto, a Livraria do Globo logrou sobrepor-se ao próprio meio (CALLAGE, 16/08/1925).

Em outra crônica, de 15 de março de 1925, é possível encontrar a aproximação entre o “popular” e o “erudito” quando o colunista defende a necessidade geográfica de ter uma casa de espetáculos acessível no centro da cidade. A intenção de construir um teatro municipal em um ponto elevado de Porto Alegre não foi bem recebida por Callage, que elencou as dificuldades de acesso ao Teatro São Pedro:

Se algum dos membros da comissão mencionada pudesse imaginar o sacrifício que se faz para subir a Ladeira e assistir a um espetáculo no São Pedro, certo modificaria imediatamente a sua opinião. Porque não é só a gente que tem carro ou automóvel que frequenta o teatro. Há em maioria o público de recursos modestos, o público que não tem nada disso, mas que gosta também de assistir o espetáculo; e esse público barato é quem, no geral, sustenta as poucas companhias que nos visitam. (...) Um teatro municipal deve sempre estar localizado no ponto mais central da cidade, onde a cidade esteja mais desenvolvida, mais intensificada, mais cidade. (...) O que queremos é um teatro, mas colocado aqui

na *city*, no grande centro da cidade, em local onde deve, de fato, ser edificado (CALLAGE, 15/03/1925).

Inúmeras crônicas poderiam ser apresentadas para demonstrar este hibridismo entre as culturas “populares” e “eruditas”, e devido ao fato do imaginário social ser uma representação coletiva, as estradas que separam imaginário social de representação social encontram-se muito próximas. A necessidade, portanto, de estudos mais dedicados e aprofundados torna-se imperativa para a delimitação precisa da área de análise de ambos os conceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As possibilidades de trabalhar com diversos pressupostos, tais como “história da sensibilidade”, “representação social”, “imaginário social” e “história das mentalidades”, revela um amplo espectro de caminhos prováveis para construir o corpo metodológico de uma pesquisa. Os resultados das análises apresentadas no desenvolvimento deste artigo são apenas incipientes, mas é possível perceber algumas situações positivas referentes ao emprego dos conceitos de Corbin, Chartier, Duby e Febvre.

A perspectiva que a “história das mentalidades” oferece para compreender as relações que determinado agente social apreende em sua época e seu meio é de grande valor quando se analisa um corpo documental constituído por crônicas, colunas de jornais e reportagens. O modo como o cronista percebia a urbe não pode ser dissociado das referências e relações que ele mantinha com as pessoas de similar recorte temporal e espacial, de suas sociabilidades. As inúmeras crônicas que Roque Callage escreveu na coluna *A Cidade*, entre 1925 e 1931, podem ser analisadas subjetivamente através de conceitos como “representação social”, “representação coletiva” e “luta simbólica”; as facetas do cronista revelam-se diversificadas quando ele apresenta os diversos olhares que faz da cidade. Quando se percebe que as “representações” não são discursos neutros, mas conceitos carregados de práticas e ideologias predispostas a inculcar autoridade e legitimar escolhas, a leitura de crônicas como a qual onde é discutida a decadência da formalidade dos trajes no Teatro São Pedro, abre novas perspectivas de compreensão.

A “autoridade” com a qual Callage discorre sobre as vestimentas – talvez aqui seja possível notar a “legitimação” decorrente do capital simbólico adquirido dentro do determinado campo intelectual onde se insere – ajuda a compreender a maneira como o cronista cria a representação de si frente às pessoas que se faziam notar em trajes inapropriados para os

espetáculos no teatro. Esta representação criada por Callage e presente em diversas de suas crônicas, só é visível quando analisamos o corpo documental e compreendemos as delimitações de Chartier, de Bourdieu e Durkheim acerca do conceito de “representações sociais”.

As descrições nas crônicas de Callage, onde se encontram alegorias referentes às intempéries climáticas, odores e barulhos, são de grande riqueza de detalhes e muitas vezes leva o leitor a experimentar tais sensações. A história das sensibilidades também se aproxima do imaginário social, principalmente ao configurar as “imagens” possíveis de se criar da cidade e do “outro” através dos sentidos de tato, audição, paladar, visão e olfato. Esta gama de recursos metafóricos e descritivos que o cronista emprega, colabora para a formação de uma cidade imaginada, onde a percepção sensorial, não apenas da coluna, mas dos transeuntes da cidade, seus moradores e mesmo visitantes, forma uma imagem que não se aparta da cidade real, mas a complementa. O papel que Callage desempenha na formação de um imaginário social, onde, conforme Duby é constituído pelas relações dos indivíduos de uma sociedade, também é de relevante importância quando se utilizam crônicas como documentos de pesquisa. A relação do cronista com a capital, o modo como “vê” a cidade e a representa em sua coluna, colabora com a criação uma Porto Alegre imaginada.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu / Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- CALLAGE, Roque. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 15/03/1925.
- _____. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 16 ag. 1925.
- _____. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 10 nov. 1926.
- _____. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 26 ag. 1927
- _____. *Diário de Notícias*. Porto Alegre, 30 jun. 1928.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. *À beira da falésia: a história entre as incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002a.
- _____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002b.
- CORBIN, Alain. Do limousine às culturas sensíveis. In: RIOUX, Jean Pierre.

- SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editora Estampa, 1998.
- DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o Sistema totêmico da Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FEBVRE, Lucien. *História e psicologia. Uma visão de conjunto*. In: MOTA, Carlos Guilherme. Lucien Febvre. São Paulo: Ática, 1978.
- _____. *Martinho Lutero, um destino*. São Vicente: Ed. Três Estrelas, 2012.
- MACHADO, Propício da Silveira. *Roque Callage, vida, obra e antologia*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1975.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade*. Imagens literárias do urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade. 1999.

Recebido em 12/02/2021

Aprovado em 16/04/2021